

Governo abre concorrência para construir 140 CIEPs

Mesmo sem ter conseguido ainda inaugurar os 60 Centros Integrados de Educação Pública — CIEPs — da primeira fase do Programa Especial de Educação e com outros 100 em construção, o Governo do Estado abriu esta semana concorrência pública para novos 140 CIEPs, na terceira fase do programa. As obras começarão em maio ou junho e deverão estar concluídas até março de 87. Desse total, 48 serão espalhados por 24 bairros do município do Rio de Janeiro.

Garante o vice-governador Darcy Ribeiro, coordenador do programa, que, em março, pelo menos 120 mil crianças já estarão estudando em horário integral nos prédios de três andares projetados por Oscar Niemeyer. "Entre 15 de fevereiro e 1º de março deverão ser entregues cerca de 100 CIEPs, que se juntarão aos 44 já em funcionamento. Do lote de 160, só uns 20 não ficarão prontos para o início do ano letivo de 86", calcula o professor.

Números

Não haverá, segundo Darcy Ribeiro, uma maratona de inaugurações. "Os CIEPs vão ser colocados em funcionamento simplesmente, sem festas. Eu e o Brizola vamos percorrer informalmente a maioria deles para supervisionar. Os nomes vão sendo escolhidos pela comunidade", explicou Darcy, entusiasmado com o que costuma chamar de "o mais arrojado projeto já concebido neste país nos últimos 50 anos na área da Educação".

Um projeto arrojado e de números fantásticos: São Cr\$ 4,5 trilhões aplicados só em CIEPs, sendo Cr\$ 1,5 trilhão na Capital e o restante no interior. Um projeto que beneficiará só nesta terceira fase, além do Rio, 48 municípios. Alguns como Duque de Caxias e Nova Iguaçu ganharão 12 CIEPs cada. São Gonçalo terá mais nove, São João de Meriti seis e Campos, Volta Redonda e Niterói três.

Na concorrência para a construção dos 100 CIEPs da segunda fase do Programa Especial de Educação, cada escola custou, em média, Cr\$ 4 bilhões. Hoje, porém, esse preço está sendo calculado em 16 ORTNs por metro quadrado de CIEP, devidamente equipado com móveis, cozinha industrial, quadra de esporte, consultório médico-odontológico, refeitório e biblioteca. Como cada escola tem 10 mil metros quadrados, em média, hoje um CIEP não sairia por menos de Cr\$ 12 bilhões.

Mesmo assim, é a obra mais rápida e custa 30% da construção convencional por ser em pré-moldado e feita em larga escala — anima-se o professor Darcy Ribeiro.

O sucesso dos CIEPs levou o governador Leonel Brizola a aumentar de 300 para 500 o número dos que promete entregar até o fim de seu mandato — que coincidirá com o início do ano letivo de 87. No edital de concorrência para os 140 CIEPs da terceira fase, o Estado anuncia: "São 140 mil novas matrículas e 100 mil novos empregos na indústria de construção civil."

Polêmica

As cartas com as propostas das empreiteiras só vão ser entregues em 6 de fevereiro, mas o trabalho de descobrir terrenos com 10 mil metros quadrados já começou para o assessor patrimonial da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Guilherme Zarvos.

— É uma injustiça ter de gastar dinheiro com terreno, quando já estamos gastando tanto com a obra — diz Guilherme, sem revelar de quanto dispõe para desapropriações, "para evitar a especulação imobiliária".

— Nossa preferência é para os terrenos públicos, sejam do Estado, da União ou do Município. A Prefeitura que colaborar cedendo terrenos terá quantos CIEP necessitar — explicou Darcy Ribeiro. "Em Niterói, só fizemos três CIEPs, quando poderíamos ter feito nove, porque o prefeito não colaborou. Assim vai ser difícil chegar aos 18 que a cidade precisa."

Nesse ponto, Guilherme Zarvos elogia a cooperação dos prefeitos da Baixada Fluminense. "O Juberlan de Oliveira — recém-eleito pelo PDT — disse que garante terreno para todos. Mesmo o prefeito de Nova Iguaçu,

passada a resistência inicial, agora está colaborando e, nesta fase, a cidade vai receber 12 CIEP. O mesmo acontece com São Gonçalo. Difícil mesmo é conseguir terrenos em Magé e Niterói, onde os prefeitos, Renato Consolino e Waldenir Bragança, nada fazem para oferecer ao Estado terrenos dos municípios", queixa-se Zarvos.

Parati

Mas a polêmica maior parece que ficará mesmo com Parati, a cidade no litoral do Estado tombada pelo Patrimônio Histórico. Sem poder receber prédios de três andares em seus limites históricos, Parati deverá ganhar um "brizolão deitado", como brinca Darcy. Na verdade, será um CIEP de um andar só, com 4 mil 500 metros quadrados, construído em argamassa armada na Fábrica de Escolas do Estado a partir de projeto de João Filgueiras Lima, o Lelé, a quem o Vice-Governador considera "o segundo maior arquiteto do mundo, depois do Oscar Niemeyer".

Adalci Oliveira de Sousa, chefe do gabinete do Prefeito Edson Dídimo Lacerda, eleito em 82 pelo PMDB, diz que Parati recebeu em doação do Príncipe D João de Orleans e Bragança um terreno de 20 mil metros quadrados, a 300 metros da rua principal da cidade, a Avenida Roberto da Silveira.

— Um funcionário da FAPERJ esteve aqui examinando a área e disse que não servia, porque o CIEP não ia aparecer. E essa fica próxima da Ilha das Cobras e do Parque da Mangueira, dois bairros pobres, com 1 mil 200 famílias. Onde eles querem, a Prefeitura não pode dar. Um terreno onde o CIEP apareça fica por Cr\$ 700 milhões, o que equivale a três meses da nossa folha de pagamento — diz Adalci de Sousa, na ausência do prefeito. Ele anuncia também que a Prefeitura "está construindo com verba federal uma escola primária com 20 salas de aula no Parque da Mangueira. Mas nosso déficit de vagas, só no primeiro ano primário, é de quase mil".

Para Guilherme Zarvos, a briga em Parati "não é bem essa".

— Na verdade, a obra da escola de 20 salas ainda não começou, e nenhum terreno foi examinado pelo Lelé. Além disso, não houve nenhuma doação à Prefeitura".

Alheio a esse tipo de discussão, João Filgueiras Lima, gerente da Fábrica de Escolas, promete visitar Parati na próxima semana para examinar as áreas disponíveis. "A orientação do Darcy é colocar o CIEP afastado da parte histórica tombada, mas próximo da área pobre. Definida a área, a escola fica pronta logo. A fabricação dos módulos é rápida, a montagem também. Precisamos só estudar a melhor maneira de transportar as peças em argamassa", explica.

Guilherme Zarvos já está acostumado as brigas de Prefeituras e comunidades quando se trata de ceder terrenos para a instalação de CIEP. Enquanto a Cruzada São Sebastião e alguns sócios mais exaltados das associações de moradores de Ipanema e Leblon não chegam a uma conclusão, o CIEP que seria instalado no Leblon, em frente ao Jardim de Alá, não sobe.

Nesta terceira fase do programa está previsto um outro CIEP para o bairro, mas tudo ainda vai depender de entendimentos com o Exército para a cessão de área de um quartel ainda não desativado. "Enquanto houver contradições na comunidade, não podemos nos mexer. Todo mundo tem de estar a favor", assegura Guilhermé Zarvos.

O trabalho da equipe dele deverá ser grande até a entrega dos lotes às empreiteiras ganhadoras da concorrência. "Para esta fase do PEE, os terrenos terão de ser ainda maiores, pois nas áreas menos densas pensamos em fazer campos de futebol ao lado dos CIEP." Nesta fase estão previstos CIEP nos bairros de Engenho da Rainha, Anchieta, Parque Colúmbia, Jacaré, Acari, Irajá, Paciência, Engenho de Dentro, Maria da Graça, Campo Grande, Rocinha, Magalhães Bastos, Vila da Penha, Guadalupe, Parada de Lucas, Inhaúma, Bangu, Leblon, Jacarepaguá, Ilha do Governador, Santa Cruz, Honório Gurgel, Marechal Hermes e Kosmos.